

OLIVEIRA, R. J.; DIAS, F. L. C.; VILLARTA-NEDER, M. A. Entre a palavra alheia e a palavra minha: constituição e refração do signo ideológico no circuito da cadeia enunciativa. *ReVEL*, vol. 18, n. 34, 2020. [www.revel.inf.br]

## **ENTRE A PALAVRA ALHEIA E A PALAVRA MINHA: CONSTITUIÇÃO E REFRAÇÃO DO SIGNO IDEOLÓGICO NO CIRCUITO DA CADEIA ENUNCIATIVA**

*Between the other's word and the word of mine: constitution and refraction of the ideological sign in the enunciative chain circuit*

**Rafael Júnior de Oliveira<sup>1</sup>**

**Fábio Luiz de Castro Dias<sup>2</sup>**

**Marco Antonio Villarta-Neder<sup>3</sup>**

rafaeljuniorlavras@yahoo.com.br

castrodias.fl@gmail.com

villarta.marco@ufla.br

**RESUMO:** buscamos estabelecer, aqui, análises e discussões sobre a constituição e a refração da e na palavra enquanto um signo ideológico, em sua inserção no circuito da alteridade entre a palavra alheia e a palavra minha, mapeando-a em seus usos por sujeitos únicos, cujos lugares unioerrentes constituem-se através dos seus posicionamentos discursivos e ideológicos. Para fazê-lo, utilizamo-nos de um corpus composto de três enunciados – um dos quais se forma a partir de três outras enunciações –, cujas constituições dão-se através das suas responsabilidades correlativas e reguladoras em um determinado cronotopo, pelas quais se formam como elos de uma série das cadeias enunciativas, o que estabelecemos através do princípio metodológico do correlacionamento. A nossa análise, porém, concentra-se no funcionamento ideológico da palavra Nazismo, enquanto um signo no interior do qual se travam conflitos e embates de natureza axiológica e semântica. Fundamentamos, em específico, em Bakhtin (2010; 2011; 2013; 2016; 2017) e em Volóchinov (2017; 2019), a partir dos quais elaboramos, de modo sistemático, as nossas avaliações dos processos pelos quais se efetivam as refrações de sentido da palavra analisada, correlacionando-as às posições discursivas e ideológicas nas quais os sujeitos da enunciação constituem-se e se regulam.

**PALAVRAS-CHAVE:** enunciado; palavra; signo; refração.

**ABSTRACT:** we aim to establish, here, analyzes and discussions about the constitution and the refraction of and in the word as an ideological sign, in its insertion in the circuit of otherness between the other's word and the word of mine, mapping it in its uses by unique subjects, whose unioerrent

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras; Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. Bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Graduando em Letras; Universidade Federal de Lavras – UFLA. Bolsista de iniciação científica PIBIC-UFLA.

<sup>3</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor associado do Departamento de Estudos da Linguagem – DEL; Universidade Federal de Lavras – UFLA.

places are constituted through their discursive and ideological positions. To do that, we use a corpus composed of three utterances – one of which is formed from three other utterances –, whose constitutions occur through their correlative and regulatory answerabilities in a given chronotope, by which they are formed as links in a series of enunciative chains, that we establish through the methodological principle of correlation. Our analysis, however, focuses on the ideological functioning of the word Nazism, as a sign within which conflicts and clashes of axiological and semantic nature take place. We rely, in particular, on Bakhtin (2010; 2011; 2013; 2016; 2017) and Voloshinov (2017; 2019), from which we systematically prepare our evaluations of the processes by which sense refractions of the analyzed word occur, correlating them to the discursive and ideological positions in which the subjects of the enunciation are constituted and regulated.

**KEYWORDS:** utterance; word; sign; refraction.

## INTRODUÇÃO

Possuímos como objetivo, sob as orientações epistemológicas e metodológicas do Círculo de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov (doravante, CBMV), o estabelecimento de uma análise da constituição da palavra, enquanto um signo ideológico, em sua inserção no circuito entre a palavra alheia e a palavra minha, mapeando-a em seus usos por sujeitos únicos, cujos lugares uniorrentes constituem-se através dos seus posicionamentos discursivos e ideológicos. O nosso anseio analítico enquadra-se no cronotopo da eventicidade histórica e política na qual questões – outrora bem definidas –, como a base ideológica dos processos de ascensão e de queda do Nazismo, tornam-se arenas de luta entre posições axiológicas de diferentes espectros políticos. Trata-se do movimento de revisão do e de volta ao passado, que se acompanha e, querendo ou não, facilita-se pelas novas tecnologias, entre as quais se encontra, especialmente, a Internet, e pela qual se fazem novas formas de ver e de compreender o mundo com um alto índice de propagação de informações a e em variados lugares, em velocidades jamais vistas.

Para realizarmos o nosso empreendimento, utilizamo-nos de um corpus composto de três enunciados – um dos quais se forma a partir de três outras enunciações –, cujas constituições dão-se através de suas responsabilidades<sup>4</sup> correlativas e reguladoras em um determinado cronotopo<sup>5</sup>, pelas quais se formam como elos de uma série das cadeias enunciativas, o que estabelecemos através do princípio metodológico do correlacionamento (Bakhtin 2011: 400). Trata-se de uma

---

<sup>4</sup> Característica inerente aos fenômenos discursivos (enunciativos) na concepção dialógica das produções da linguagem humana. Refere-se à inelutável força ativa de resposta de um enunciado em relação a outros, o que podemos compreender, também, como uma responsabilidade que se alia à responsabilidade imanente ao lugar único e uniorrente do sujeito enunciativo. Segundo “Palavras e contrapalavras” (GEGe 2013: 90), “uma boa maneira de se pensar isso é aliar responsabilidade e responsividade: ao mesmo tempo em que sou responsável pelo que faço e digo, também faço e digo em resposta a uma série de elementos presentes em minha vida como signos”.

<sup>5</sup> Articulação indissociável entre o espaço e o tempo (Bakhtin 2018: 11).

atividade pela qual, ao analisarmos os enunciados, observando os seus processos de retomada e de orientação, construímos uma série das cadeias multidirecionais de enunciados<sup>6</sup>, na qual estabelecemos as interligações cronotópicas pelas quais se vinculam, uma vez que um enunciado se conecta ao outro através da responsabilidade retrospectiva e prospectiva.

A nossa análise, porém, vai se concentrar no funcionamento ideológico do movimento da palavra Nazismo, uma vez que o processo de interação entre os sujeitos, que se dá por meio do circuito da palavra alheia à palavra minha, parece-nos fundamental para analisarmos as refrações ideológicas de sentido se efetivando dentro e fora do aludido signo. Assim, fundamentamo-nos, em específico, em Bakhtin (2010; 2011; 2013; 2016; 2017) e em Volóchinov (2017; 2019), por meio dos quais estabelecemos as nossas avaliações dos processos pelos quais se instituem as refrações de sentido, correlacionando-as às posições discursivas a partir das quais os sujeitos da enunciação constituem-se e se regulam. A abordagem do CBMV, então, torna-se provocativa, visto que as suas reflexões acerca da linguagem se apresentam como ferramentas teórico-metodológicas fundamentais para que consigamos observar o enunciado na sua concretude, manifestando-se por um sujeito que diz – dizendo-se – para um outro em um determinado cronotopo pelo qual se enquadra o acontecimento de interação discursiva no qual se inserem.

Logo, seguimos a seguinte ordem: em primeiro, apresentamos os princípios metodológicos pelos quais nos guiamos, apontando as características do nosso corpus, assim como dos recortes realizados. Em segundo, revisamos as discussões teóricas feitas pelo CBMV, identificando os pontos de encontro entre os conceitos e o corpus. Após a nossa reflexão epistemológica, iniciamos a nossa análise, com base nos princípios apresentados nas duas primeiras seções de nossa escrituração. Por fim, lançamos certas considerações finais sobre as nossas análises, evidenciando os

---

<sup>6</sup> Recentemente, Villarta-Neder, Teixeira e Castro Dias (2019) desenvolveram uma reflexão acerca da constituição das cadeias enunciativas. E parece-nos oportuno que citemos a sua compreensão do referido fenômeno. Segundo os autores, “cadeias multidirecionais refere-se a uma conceituação que, aqui, elaboramos, partindo do conceito geral de cadeia enunciativa do Círculo de Bakhtin (sugerimos a leitura de “Marxismo e filosofia da linguagem”). Trata-se de uma proposta epistemológica através da qual buscamos evidenciar a não linearidade das produções enunciativas e das suas responsabilidades, afirmando, também, o fato de um enunciado de uma esfera ideológica poder gerar movimentos de prospecção e de retrospectação, responsivamente, em relação a qualquer outro de esferas ideológicas distintas, em constituições espaciais e temporais próximas ou distantes. Cumpre-nos ressaltar que a expressão “multidirecionais”, além de remeter-se às várias possíveis direções dos enunciados, revelamos, concomitantemente, uma compreensão da abertura ideológica e da incompletude semântica de uma cadeia enunciativa, que se configura como um complexo relacional de inacabamentos”.

principais centros nevrálgicos dos fenômenos avaliados e compreendidos pelas nossas interpretações.

## 1. METODOLOGIA

Para a realização de nossa escrituração, utilizamo-nos de um conjunto de enunciados, cuja composição realizou-se a partir de duas entrevistas e de uma coletânea de enunciações de ampla circulação na Internet em um período que se situa no ano de 2019. Buscamos analisar como os enunciados se constituem no processo de interação por meio da palavra, isto é, o movimento que se dá entre a palavra alheia e a palavra minha nas enunciações dos sujeitos. Nesse processo de constituição, tais enunciados se tornam responsivos a outros, prospectiva e retrospectivamente, visto que a alteridade e o dialogismo se apresentam como os princípios fundamentais na concepção de linguagem de nossa escrituração. Desse modo, parece-nos necessário, em um primeiro momento, descrever o nosso corpus, indicando como elaboraremos os nossos recortes.

O nosso corpus compõe-se de três enunciados (E1, E2 e E3), cada qual se correspondendo ao seu respectivo sujeito (S1, S2 e S3). Cabe-nos destacar, antes, que, em E2, três dizeres se mostram como pertencentes à mesma esfera ideológica (à qual se corresponde um campo da atividade humana): a esfera ideológica da ciência. O primeiro (E1) se constitui como uma entrevista oferecida a um canal da plataforma YouTube, no dia 17 de março de 2019, por um sujeito cuja representação liga-se à sua função social enquanto um ministro da República (ao qual nos referiremos como sujeito-ministro).

O segundo enunciado (E2) compõe-se de três outras enunciações, que são atos responsivos ao primeiro (fala do sujeito-ministro), cuja publicação deu-se no dia 28 de março de 2019. Referimo-nos às entrevistas que compõem a matéria do jornal Deutsche Welle (S2), que se denomina “‘Nazismo de esquerda’: o absurdo virou discurso oficial em Brasília”, como E2, que se ramifica na composição de manifestações enunciativas de respostas de certos especialistas: a primeira (R2.1 – resposta, em E2, número um), de um sujeito-historiador (SH1), docente na Universidade de Aarhus, que se compõe de um argumento (A2.1 – argumento, em E2, número um); a segunda (R2.2 – resposta, em E2, número dois), de uma sujeito-historiadora (SH2), diretora do Centro para Pesquisa sobre Antissemitismo da

Universidade Técnica de Berlim, que se forma a partir de dois argumentos (A2.2 – argumento, em E2, número dois – e A2.3 – argumento, em E2, número três); e, por fim, a terceira (R2.3 – resposta, em E2, número três), de um sujeito ao qual nos referiremos como sujeito-pesquisador (SP), coordenador de um projeto de pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que se compõe, também, de um argumento (A2.4 – argumento, em E2, número quatro). Assim sendo, entendemos que as três respostas (R2.1, R2.2 e R2.3) feitas pelos especialistas compõem o E2, representando uma resposta científica ao E1 enunciado pelo S1.

Por fim, o terceiro (E3) refere-se a uma enunciação do sujeito-presidente-do-Brasil (S3), que se realizou, também, em forma de entrevista e no dia 02 de abril de 2019, cujo ato responsivo remete-se aos anteriores (E1 e E2), validando um e deslegitimando outro.

Destaquemos, entretanto, que seguimos dois princípios metodológicos: 1) a omissão dos nomes próprios – mesmo tratando-se de figuras públicas –, o que associamos ao tratamento científico dos sujeitos analisados; e 2) a análise dos enunciados em seus processos de correlação, isto é, o cotejamento<sup>7</sup> entre enunciações, quando se inserem na formação de cadeias multidirecionais.

O correlacionamento ou o cotejamento, remetendo-nos a Geraldi (2012; 2014), trata-se do estabelecimento de relações dialógicas entre enunciados em suas relações responsivas de prospecção e retrospectão, o que podemos nomear como responsabilidades multidirecionais. Isto é, buscamos correlacionar os enunciados recortados, analisando as suas responsabilidades constitutivas e reguladoras. E, portanto, por mais que os nossos recortes se situem em datas distintas, parece-nos possível estabelecer, em cada enunciado, um mapeamento genealógico do retomado e do suscitado através dos movimentos de retrospectão e de prospecção dos atos enunciativos. O cotejamento ou o correlacionamento, portanto, refere-se a um

---

<sup>7</sup> O conceito de cotejamento ou de cotejo trata-se de um desdobramento epistemológico dos pressupostos metodológicos do CBMV empreendido por Geraldi (2012; 2014). Entretanto, o mesmo princípio encontra-se em Bakhtin (2011: 400) como correlacionamento: “cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outro texto”. Logo, “salientemos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de ‘oposição’” (Bakhtin 2011: 401). E, para cada enunciado, reconhece-se uma presença autoral, ou seja, um sujeito: “todo texto tem um sujeito, um autor (o falante, ou quem escreve)” (Bakhtin 2016: 72). Uma relação entre enunciados, portanto, trata-se de uma interação entre sujeitos, uma vez que “o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência, sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos” (Bakhtin 2016: 76).

princípio pelo qual, concomitantemente, consideramos o enunciado concreto e o sujeito enunciativo. Segundo Geraldi (2012: 36),

qualquer que seja a escolha metodológica – o cotejo de textos, o paradigma indiciário ou a investigação narrativa – o certo é que o investigador em ciências humanas trabalha com o outro, sujeitos de sua pesquisa (autores, oradores, entrevistados, depoentes).

Lembremo-nos, antes de prosseguirmos, de que os procedimentos de análise e de compreensão se constituem, no seio do dialogismo dentro do qual nos situamos, como processos de avaliação e de interpretação, como nos aponta Bakhtin (2017: 35-36).

## **2. QUADRO TEÓRICO**

Podemos afirmar, a partir dos postulados bakhtinianos, que qualquer fenômeno humano, direta ou indiretamente, circunscreve-se no movimento do circuito da alteridade. Desde a autoconsciência e a autoavaliação de si (Bakhtin 2019) à produção autoral e enunciativa, dá-se a revelação do sujeito como um ser alteritário, cujo lugar no mundo, único e unioorrente, possui a sua constituição fundamentada nas suas insubstituíveis e irrepetíveis interações sociais, que se mostram, logo, como a condição de necessidade e de princípio para a sua existência concreta. Portanto, o dialogismo estende-se da composição dos enunciados para a constituição dos sujeitos (Sobral 2010: 67-68).

De igual maneira, sob critérios axiológicos e metodológicos semelhantes, precisamos de compreender os fenômenos discursivos e linguísticos, uma vez que são produções humanas que se efetivam entre sujeitos em interação e em situação, delimitando-se histórica e socialmente. Partindo daí, queremos nos questionar sobre o uso da mesma materialidade sígnica enquanto efetivação única em cada ato de produção enunciativa, tornando-se, ali, uma enunciação concreta e singular. Ou seja, devemos buscar o entendimento de que um signo ideológico, como nos mostra Volóchinov (2017), determina-se através do seu uso ativo e responsivo, marcando-se como a concretude no interior da qual há o entrecruzamento dissonante de índices axiológicos diversos e, portanto, de cosmovisões ideológicas variadas.

Sendo assim, concordando com Volóchinov (2017: 98), consideramos que “a palavra é o fenômeno ideológico par excellence”, cuja ideologicidade se funda no seu

uso concreto e na sua função ideológica entre os sujeitos, estabelecendo-se no circuito alteritário da palavra alheia à palavra minha (Bakhtin 2017). Segundo Bakhtin (2017: 38), “para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias e nas dos outros, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se, e nessas fronteiras desenvolve-se uma tensa luta dialógica”. Isto é, trata-se de um processo conflituoso, o que se manifesta na concepção de dialogismo do CBMV. A partir daí, admitimos que, para Volóchinov (2017: 113), a palavra, enquanto signo ideológico, “[...] transforma-se no palco da luta de classes”, onde “[...] cruzam-se ênfases multidirecionadas”<sup>8</sup>.

Em “Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, de Volóchinov (2017), deparamo-nos com o exercício de mapeamento genealógico da constituição e do desenvolvimento dos signos ideológicos, cuja emergência se localiza, segundo o filósofo russo,

[...] em um território interindividual, que não remeta à ‘natureza’ no sentido literal dessa palavra”. O signo tampouco surge entre dois Homo sapiens. É necessário que esses dois indivíduos sejam socialmente organizados, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio sógnico pode formar-se entre eles (Volóchinov 2017: 96-97).

A importância de compreendermos a gênese dos conteúdos e das formas das produções sógnicas como um processo interacional e ideológico se encontra na sua consequência correlata e dialética, uma vez que a consciência única de cada sujeito se constitui nos e pelos signos ideológicos: a consciência se forma como um território social, ou seja, “[...] é um fato social e ideológico” (Volóchinov 2017: 97), evidência do fenômeno da relação de alteridade constitutiva e reguladora de cada sujeito na história e na sociedade. Nas palavras de Volóchinov (2017: 97-98),

a consciência se forma e se realiza no material sógnico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação sógnica de uma coletividade. Se privarmos a consciência do seu conteúdo sógnico ideológico, não sobrarão absolutamente nada dela. A consciência apenas pode alojar-se em uma imagem, palavra, gesto significante etc. Fora desse material resta um ato fisiológico puro, não

---

<sup>8</sup> Preferimos a nomenclatura arena presente na tradução do francês para o português – “[...] se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes” (Bakhtin 2006: 47) –, pois explicita-nos que o embate entre as classes sociais se dá de maneira constante e necessária. Além do mais, acreditamos, também, que os conflitos se realizam entre grupos, como as categorias profissionais, em cujo interior cruzam-se e se refletem as lutas de classe, já que se tratam de conglomerados humanos nos e pelos quais há a constituição de ideologias.

iluminado pela consciência, isto é, não iluminado nem interpretado pelos signos.

E, como admitimos acima, à palavra concede-se a primazia de ser o signo ideológico de eminência ímpar, uma vez que a sua existência se dilui em sua própria funcionalidade ideológica nas distintas formas de intercâmbio comunicativo e, logo, de interação social, definindo-se como “[...] o medium mais apurado e sensível da comunicação social” (Volóchinov 2017: 99). Para Volóchinov (2017: 99),

a significação, a representatividade da palavra como fenômeno ideológico e a clareza excepcional da sua estrutura sónica já seriam suficientes para colocá-la no primeiro plano da ciência das ideologias. É justamente no material da palavra que se pode explicar, do melhor modo possível, as principais formas ideológicas da comunicação sónica.

Indo além, devemos afirmar, ainda, a neutralidade constitutiva da palavra enquanto signo ideológico. Referimo-nos, aqui, à sua capacidade de desempenhar qualquer função ideológica e social (Volóchinov 2017: 99) e de constituir qualquer produção enunciativa pertencente a esferas ideológicas diferentes, atuando, através de um enunciado, nos mais diferentes campos da atividade humana (Bakhtin 2016: 16). Portanto, seja no científico, seja no religioso, a palavra, pela sua neutralidade, torna-se apta a assumir quaisquer funções ideológicas.

Através de um processo dialógico, pela dinâmica da história, por meio de enunciados como “nazismo foi um fenômeno de esquerda” (Brasil Paralelo 2019), notemos que se vem emergindo o status de contestação do nazismo como um movimento totalitário cuja constituição, mediante os seus atos e os seus discursos, coloca-o no espectro ideológico da direita, denominando-se, hoje, como direita conservadora e nacionalista. Um dos argumentos dos quais se utiliza quem o afirma é o nome que se dava ao partido cujo líder tornou-se Adolf Hitler – Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães –, sem se atentar, no entanto, para as refrações axiológicas e semânticas (portanto, ideológicas) às quais se submetiam, naquele período histórico, e se submetem, no atual, os signos nacional e socialista, esquecendo-se – através, compreendemos, de movimentos enunciativos de silenciamento –, concomitantemente, da materialidade do acontecimento histórico e social cujo fundamento ancorava-se nas políticas totalitárias adotadas, à época, pelos dirigentes do nazismo.



Sabemos que, na década de 1930, deu-se a emergência de diversificados fenômenos totalitários em algumas partes do mundo, como, por exemplo, na Alemanha, já mencionada, na Itália e no Japão, cujo escopo precípua tornou-se o controle social, a expansão militar e recobrimento econômico, seja através de políticas internas, seja através de políticas externas (Hobsbawm, 1995).

Torna-se categórico que mencionemos, de maneira avaliativa para a fundamentação das nossas análises subsequentes, a entrevista, conduzida e editada por George Sylvester Viereck (Viereck 2007), concedida por Adolf Hitler, em 1923, ao jornal britânico *The Guardian*, que se republicou, em 1932, na revista *Liberty*. Trata-se de uma evidência de primeira ordem que torna explícita a oposição de Hitler ao regime bolchevista que se instaurara na URSS. Em outros dizeres, o comunismo e o marxismo, que se representavam pelo bolchevismo soviético, transformavam-se, aos olhos de Hitler, no “cancro” a ser arrancado da Alemanha. Leiamos as palavras do próprio: “o ‘bolchevismo’, o chefe dos camisas pardas, os fascistas da Alemanha, continuou olhando fixamente para mim ‘é nossa maior ameaça. Matar o bolchevismo na Alemanha e restaurar 70 milhões de pessoas ao poder’” (Ranulfo 2018). Em outro instante, vemos a seguinte afirmação: “o Tratado de Versalhes e o Tratado de St. Germain são mantidos vivos pelo bolchevismo na Alemanha. O Tratado de Paz e o bolchevismo são duas cabeças de um monstro. Devemos decapitar ambos” (Ranulfo 2018).

No entanto, o que necessitamos de evidenciar, aqui, é o processo refracionário no signo ideológico socialismo, cujos sentidos diferem-se sobremaneira daqueles que se postularam a partir da epistemologia marxista e daqueles que se constroem no contexto cultural, histórico e social do Brasil em 2019. Vendo, na atualidade, a utilização do nome do Partido Nazista (Nacional-Socialista) como estratégia de convencimento e de justificação de que o nazismo se localizaria à esquerda no espectro ideológico-político, encontramos-nos, em contrapartida, com a voz de Hitler (Ranulfo 2018), segundo a qual

“Socialismo”, ele retrucou, abaixando sua xícara de chá, assertivamente “é a ciência de lidar com o bem comum. Comunismo não é socialismo. Marxismo não é socialismo. Os marxistas roubaram o termo e confundiram seu significado. Eu tirei o socialismo dos socialistas”.

Ao prosseguirmos em nossa leitura de sua entrevista (Ranulfo 2018), vemos, também, as seguintes afirmações:

“O socialismo é uma antiga instituição ariana, germânica. Nossos ancestrais alemães mantinham certas terras em comum. Eles cultivavam a ideia do bem comum. O marxismo não tem o direito de se disfarçar de socialismo. O socialismo, ao contrário do marxismo, não repudia a propriedade privada. Diferentemente do marxismo, não há uma negação da personalidade e, ao contrário do marxismo, é patriótico”

“Poderíamos ter nos denominado o Partido Liberal. Nós escolhemos nos chamar de Nacional-Socialistas. Nós não somos internacionalistas. Nosso socialismo é nacional. Exigimos o cumprimento das justas reivindicações das classes produtivas pelo Estado com base na raça e solidariedade. Para nós, estado e raça são um”.

Podemos perceber uma evidente distinção axiológica e semântica entre os usos concretos e específicos da palavra socialismo, seja como conceito filosófico, seja como alcunha pejorativa. Trata-se de um processo através do qual entendemos que, segundo Volóchinov (2017: 101),

qualquer refração de sentido da existência em formação, em qualquer material significante que seja, é acompanhada pela refração de sentido na palavra como um fenômeno obrigatório concomitante. A palavra está presente em todo ato de compreensão e em todo ato de interpretação.

Ainda, antes de considerarmos a refração ideológica de sentido da e na palavra Nazismo, com a finalidade de demonstrarmos o desenvolvimento dialógico, na história, do processo refracionário pelo qual se caracteriza o signo ideológico, gostaríamos de remeter-nos a uma coluna do escritor britânico George Orwell (2017), cuja publicação deu-se no jornal inglês Tribune em 24 de março de 1944 – ou seja, ainda na era histórica do domínio do fascismo e do nazismo –, no qual há o mapeamento das refrações da e na palavra Fascismo, considerada, aqui, como um signo.

Segundo Orwell (2017: 86-88), atribuíam-se a alcunha de fascismo ou de fascista aos mais distintos grupos sociais, como conservadores, socialistas, comunistas, trotskistas, católicos e nacionalistas, o que se materializava, como produções ideológicas, nas distintas publicações impressas, isto é, considerando os pressupostos bakhtinianos, nos inúmeros enunciados escritos pertencentes aos mais variados campos da atividade humana. Podemos perceber, logo, a consolidação das refrações nas instâncias ideológicas reconhecidas por classes e subclasses, grupos e subgrupos de sujeitos.

Ainda nas palavras de Orwell (2017: 85-86), referindo-se ao conflito axiológico no interior do aludido signo à sua época, se

[...] se examinar a imprensa, você verá que não existe quase nenhum grupo de pessoas – certamente não um partido político nem um corpo organizado de nenhum tipo – que não tenha sido denunciado como fascista ao longo dos últimos dez anos.

“Desde ‘democracia pura’ até ‘demonismo puro’” (Orwell 2017: 85), os sentidos da palavra fascista se lançavam, uns contra os outros, em uma disputa ideológica, cuja ocorrência trata-se da manifestação do conflito dialógico no interior do próprio signo. No âmbito da ideologia do cotidiano, Orwell (2017: 88-89) captou, também, a imagem do processo de refração da palavra fascismo:

ouvi o termo ser aplicado a agricultores, a lojistas, ao castigo corporal, à caça à raposa, às touradas, ao Comitê de 1922, ao Comitê de 1941, a Kipling, Gandhi, Chiang Kai-Chek, à homossexualidade, aos programas de rádio, de Priestley, aos albergues da juventude, à astrologia, às mulheres, aos cães e a não sei mais o quê.

No intrínseco da palavra, que se manifesta, sendo um signo ideológico, como um enunciado na viva interação social ou como um constituinte da construção composicional de uma produção enunciativa, enunciam-se únicas e variadas vozes sociais, por cujos ecos reflete-se e se refrata, através das suas inúmeras avaliações sociais, a existência social em formação. Logo, no empreendimento autoral, lida-se com os enunciados dos outros, palavras alheias, sobre quais o sujeito da autoria, isto é, o autor, age na sua transformação em meus, em palavras minhas, ao entoá-las de modo volitivo-emocional. Portanto, concordamos com Bakhtin (2017: 38), para quem

eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressa em palavras ou em outros materiais semióticos). A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-las (essa tarefa não existe em relação em minha própria palavra ou exige em seu sentido outro). Para cada indivíduo, essa desintegração de todo o expresso na palavra em um pequeno mundinho das suas palavras (sentidas como suas) e o imenso e infinito mundo das palavras do outro são o fato primário da consciência humana e da vida humana [...].

O sujeito lida, então, com a palavra alheia. No seu processo de compreendê-la e de interpretá-la, responde-a com as suas palavras minhas, pois a compreensão e a interpretação são processos responsivos de caráter avaliativo. Como nos mostra

Volóchinov (2017: 232), “em sua essência, ela pertence à palavra localizada entre os falantes, ou seja, ela se realiza apenas no processo de uma compreensão ativa e responsiva”. No processo de compreensão responsiva e de apossamento ativo do enunciado ou da palavra do outro, ao responder a palavra alheia com a palavra minha, a primeira se torna palavra alheia-minha, isto é, começa a ser compreendida através do processo avaliativo da sua interpretação. No final, ao envolvê-la com o seu tom volitivo-emocional (Bakhtin 2010: 85), a sua entonação, singulariza-a, tornando-a única e unicolorrente em sua arquitetura (Bakhtin 2010: 114), naquele cronotopo específico. Em outras palavras, transforma-a em palavra minha sua, pela qual se responsabiliza, sem-álibi na existência<sup>9</sup>.

Trata-se do circuito pelo qual se dá a compreensão ativa e responsiva, como nos apontou Volóchinov (2017), da palavra alheia como processo ideológico de construção do sentido. Como nos diz Bakhtin (2017: 41), “chamo sentidos às respostas a perguntas”, que “[...] é potencialmente infinito, mas só pode atualizar-se em contato com outro sentido (do outro), ainda que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão” (Bakhtin 2017: 41). Portanto, “não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única que pode ser real em sua totalidade” (Bakhtin 2017: 42).

Devemos perceber que o distanciamento, movimento imprescindível para que haja a constituição do sujeito e, conseqüentemente, de maneira mais específica, do autor, exerce-se nas e pelas linguagens, isto é, nos e pelos signos ideológicos, sejam quais forem as suas materialidades: “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha). A distância – *distantsiia* (*vnienakhodímost*) – e o respeito” (Bakhtin 2017: 40).

Para, de modo mais claro, entendermos o processo de refração ideológica de sentido da e na palavra, necessitamos de atentar-nos para Volóchinov (2017), quando nos fala sobre as problemáticas do discurso alheio. Podemos direcionar-nos a dois entendimentos sobre: primeiro, a palavra tratando-se de um enunciado autônomo e responsivo; segundo, a palavra tratando-se de um componente da construção composicional de um enunciado. Em ambos os casos, efetiva-se a sua refração de sentido, inelutavelmente.

---

<sup>9</sup> Aqui, podemos, por certas compressões, vislumbrar a existência de uma anterioridade causal e mecanicista. No entanto, trata-se de uma impressão cujo aparecimento revela-se como uma consequência de nosso próprio recorte metodológico. O processo, em sua base, é dialético e dialógico.

Volóchinov (2017: 249) inicia dizendo-nos que “o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, o enunciado dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado”. Contudo, alerta-nos para não o considerarmos apenas como objeto discursivo, já que “[...] o enunciado alheio não é apenas o tema do discurso: ele pode, por assim dizer, entrar em pessoa no discurso e na construção sintática como seu elemento construtivo específico” (Volóchinov 2017: 249). Em determinado grau, o ativismo do discurso ou do enunciado do outro faz com que se conserve a sua autonomia no interior do contexto autoral dentro do qual se encontra, mantendo “[...] a sua independência construtiva e semântica, sem destruir o tecido discursivo do contexto que o assimilou” (Volóchinov 2017: 249).

Conseguimos perceber que a relação entre um enunciado-alheio e um enunciado-autoral se configura como um conflito no interior dos processos discursivos, uma vez que são refrações dos embates ideológicos e sociais entre os sujeitos organizados em sociedade, cujos reflexos irradiam-se no e para o interior dos signos ideológicos.

Os confrontos entre os discursos e os enunciados, que podemos analisar, também, como entre índices axiológicos e conteúdos sógnicos no âmago das palavras, manifestam-se através duas formas, pelo menos: pela polêmica aberta e pela polêmica velada, como nos mostra Bakhtin (2013: 223), uma vez que, nos dizeres do filósofo russo, “as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais”. Porém, há diferenças entre as orientações em relação ao discurso alheio. Segundo Bakhtin (2013: 224), “a polêmica aberta está simplesmente orientada para o discurso refutável do outro, que é seu objeto”. Em contrapartida (Bakhtin 2013: 224),

[...] a polêmica velada está orientada para um objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto.

E, continuando, Bakhtin (2013: 224) afirma-nos que

na polêmica velada, o discurso do autor está orientado para o seu objeto, como qualquer outro discurso; nesse caso, porém, qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. Orientado

para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. Esse último não se reproduz, é apenas subentendido.

Estendendo a compreensão bakhtiniana do fenômeno referido, gostaríamos de acrescentar que tanto a polêmica aberta quanto a polêmica velada podem aplicar-se a casos nos quais há concordância, pois, afinal, referem-se a processos constitutivos e reguladores do enunciado alheio ou da palavra alheia. “Graças a isso, o discurso do outro começa a influenciar de dentro para fora o discurso do autor” (Bakhtin 2013: 224), o que nos parece tratar-se da ocorrência do dialogismo na ordem arquitetônica (Sobral 2010).

Volóchinov (2017: 250) afirma-nos que “o discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo, finalizado do ponto de vista da construção e fora do contexto em questão”. Mas, aí, mesmo mantendo-se a integridade linguística do enunciado alheio ou da palavra alheia no contexto autoral, efetiva-se uma assimetria discursiva, o que se dá, entendemos, a partir da funcionalidade ideológica da relação enunciativa, havendo a produção de zonas limítrofes evanescentes ou tênues entre ambos. E, aí, “estamos diante do fenômeno da reação da palavra à palavra, que, no entanto, difere clara e essencialmente do diálogo. No diálogo, as réplicas são separadas gramaticalmente e não são incorporadas em um único contexto” (Volóchinov 2017: 251). Portanto, podemos compreender a relação entre um contexto autoral, que se caracteriza como um enunciado, e o discurso alheio, o enunciado alheio ou a palavra alheia como a realização de um dialogismo tenso, em cujas formas refletem-se os modos de percepção ativa<sup>10</sup> do discurso do outro na sociedade, que se realiza, segundo Volóchinov (2017: 254), em duas direções:

em um primeiro momento, o enunciado alheio é emoldurado pelo contexto real e comentador (que, em parte, coincide com aquilo que é chamado de fundo de apercepção da palavra), pela situação (interna e externa), pela expressão visível e assim por diante; e em segundo momento, prepara-se uma réplica (Gegenrede). Tanto a preparação da réplica, isto é, a réplica interior, quanto o comentário real se fundem naturalmente na unidade da percepção ativa e podem ser isoladas apenas do ponto de vista abstrato.

Agora, já fundamentados, podemos nos direcionar às nossas análises, observando as relações entre os enunciados, as refrações ideológicas de sentido do e

---

<sup>10</sup> Uma percepção ativa trata-se de uma das formas de ato do percipiens, o sujeito da percepção, que se motiva pelo seu ativismo responsivo e volitivo, assemelhando-se à compreensão responsiva.

no signo Nazismo, a tensa luta dialógica entre posições discursivas e a materialização de conflitos sob a forma de polêmica aberta e de polêmica velada.

### **3. ANÁLISE DO CORPUS**

Como vimos na seção anterior, o signo ideológico, em sua constitutividade funcional, forma-se como uma arena, no interior da qual os sentidos se digladiam e enfrentam-se a partir dos seus usos concretos nos e pelos sujeitos, que os constroem de modo contínuo. Abordamos, superficialmente, as refrações dos e nos signos Nazismo, Socialismo e Fascismo, mapeando-os em espaços enunciativos. Cabe-nos, agora, estabelecer e aprofundar as nossas análises sobre o primeiro, analisando e correlacionando os processos pelos quais, enquanto signo, reflete e refrata uma realidade outra, tendo em vista uma disputa axiológica e semântica.

Parece-nos necessário que compreendamos que cada enunciado se constitui no seu movimento responsivo, em um certo campo da atividade humana. Logo, a sua produção, a sua recepção e a sua circulação perpassam-se por construtos volitivo-emocionais, que se dão em configurações específicas das articulações entre o espaço e o tempo. Assim sendo, assumimos que a existência do enunciado se efetiva apenas na sua inserção no circuito da alteridade, ou seja, no seu movimento da palavra alheia para palavra alheia-minha à palavra minha, como um processo que se dá entre lugares que se constituem como, nas hierarquias sociais, posições axiológicas assimétricas.

Podemos considerar que o processo enunciativo, que se relaciona com a orientação social do enunciado (Volóchinov 2019: 280), cujos instantes necessários são os movimentos responsivos de retrospectão e de prospecção, não escapa das relações ideológicas que constituem os discursos, cujas construções dão-se cronotopicamente, sendo reformuladas e reconstruídas pelos sujeitos que as organizam e que, dialeticamente, são organizados por elas.

Trata-se de uma discussão imprescindível para compreendermos como os três sujeitos, analisados mais a frente, utilizam-se das relações ideológicas na produção e na recepção dos enunciados, alheios e seus, não nos esquecendo, é claro, do terceiro eixo do processo: o da sua circulação. Trata-se, logo, de considerarmos como se dá o processo de constituição ideológica dos sentidos do signo Nazismo, em seu interior, no e pelo dialogismo conflituoso e tenso dos embates sociais entre as classes e os

grupos, admitindo as suas refrações como modos de compreensão dos sujeitos do acontecimento histórico o qual reflete.

As nossas análises referem-se a enunciados circunscritos ao período cronológico de 17 de março de 2019 a 02 de abril de 2019, um pequeno tempo no qual registramos, interpretativamente, a ocorrência da responsividade da palavra Nazismo enquanto enunciado em movimento e enquanto signo em constituição.

Passemos, agora, para uma análise mais direta e profunda das relações constitutivas e reguladoras entre os enunciados componentes de nosso corpus, limitando-nos à observação da formação de um elo de uma série, que se restringe a determinado cronotopo, de cadeias multidirecionais de enunciados e, principalmente, da constituição das refrações ideológicas de sentido do signo Nazismo em sua inserção em cada enunciado uniocorrente, compreendendo-o nos seus usos no circuito da alteridade.

Em uma entrevista concedida ao canal Brasil Paralelo – conhecido por sua política partidária de extrema direita – da plataforma YouTube, o atual Ministro das Relações Exteriores (o S1) indica-nos que “fascismo e nazismo são fenômenos de esquerda” (Poder Paralelo 2019: 19m22s). Durante a sua entrevista, o entrevistado e o entrevistador, em discussão, referem-se a temas como nacionalismo, relações internacionais com países vizinhos e política atual.

Elaboramos, aqui, um pequeno recorte da sua longa entrevista, pois buscamos analisar a constituição dos conflitos ideológicos no interior do signo nazismo. Analisemos, assim, a fala do S1, que transcrevemos a seguir (Poder Paralelo 2019: 18m19s-19m24s, grifamos):

Entrevistador: Creio que o receio com o termo [nacionalismo], principalmente, veio pela associação da palavra nacionalista com os regimes totalitários do século XX. Então, qual a diferença que o senhor traça desse nacionalismo que estamos conversando aqui para os do regime italiano, alemão e até da Rússia, que teve uma forte proposta apresentada como nacionalista também?

S1: **É, eu acho que esses regimes totalitários, eles, no fundo, apelaram para uma força muito profunda, que é a força, o sentimento nacional [A1.1], para chegar ao poder e se manterem no poder e distorceram esse sentimento. Eles, de certa forma, sequestraram esse sentimento, coisa que eu falo muito, né, que é muita tendência da esquerda, né, ela pega uma coisa boa, sequestra e perverte, transforma numa coisa ruim [A1.2], que acho que é mais ou menos o que aconteceu sempre com esses regimes totalitários, né? É por isso, que eu digo também que, isso quer dizer, isto tem a ver com o que eu digo, que fascismo e nazismo são fenômenos de esquerda. É a mesma lógica que preside [A1.3].**



Na primeira enunciação – isto é, no E1 –, o signo Nazismo apresenta-se no campo de disputas entre espectros ideológicos e políticos que se opõem: entre o da direita e o da esquerda. Como se trata de uma entrevista (gênero discursivo), percebemos, no enunciado, um dialogismo evidente, que se efetiva entre a locução e a interlocução, onde, seguindo um script, estabelecem-se os jogos de pergunta e resposta entre um entrevistador e um entrevistado (que, aqui, é o sujeito-ministro (S1)).

Em um primeiro momento, vale-nos destacar a repercussão da entrevista do S1, uma vez que se trata de uma figura pública que ocupa um cargo de eminência na República Federativa do Brasil. Interessantemente, a repercussão deu-se em diferentes meios midiáticos de comunicação. Entre os muitos, destacamos o jornal O Globo, que, no dia 30 de março de 2019, atualizando-se em 02 de abril de 2019, realizou a publicação de uma matéria (Almeida 2019) com a seguinte chamada: “[Sujeito-ministro] volta a defender que nazismo foi um ‘fenômeno de esquerda’”.

Atentando-nos para os aspectos analisáveis, parece-nos relevante observar o título que se deu ao enunciado, fixando-nos na locução verbal “volta a defender”, a partir da qual podemos realizar um mapeamento cronotópico, instituindo um cronotopo enunciativo anterior e um outro posterior, que se encontram constituindo-se e se regulando em um terceiro momento cronotópico. Trata-se de uma responsividade se tornando uma prática em desenvolvimento ininterrupto por meio de um ato ativo de reiteração enunciativa, realizando-se a partir das convicções ideológicas de S1, que as afirma e as enuncia, evidenciando o seu posicionamento ideológico em relação a um acontecimento histórico – o nazismo e, conseqüentemente, a sua compreensão avaliativa no período histórico atual.

O argumento 1 [A1.1] presente no enunciado do S1 refere-se às ideias de nacionalismo e de totalitarismo, o que nos é importante, uma vez que se remete, como seu contrário, às compreensões de Adolf Hitler sobre as mesmas noções, que sofrem, portanto, o processo de refração ideológica de sentido. Trata-se, como afirmamos anteriormente, segundo Bakhtin (2017: 38), da “[...] tensa luta dialógica”, pela qual se constitui a existência primária de qualquer signo ideológico. Porém, percebemos a forma indireta da responsividade retrospectiva, já que não nos há indícios de seu movimento explícito através de uma vontade discursiva do S1, cuja presença, entretanto, não podemos desconsiderar, haja vista que se trata de uma das

bases ideológicas da constituição de um enunciado no e pelo movimento dialógico entre um eu e um outro. Bakhtinianamente, há a presença de um lugar-outro<sup>11</sup> em A1.1, pois a demarcação do eu (“eu acho”) implica um outro como o seu avesso ou o seu contrário, isto é, que pensa e “acha” de modo diferente do sujeito que se enuncia. Pela vontade discursiva de um sujeito, marca-se, então, um ponto de vista ideológico através do seu posicionamento.

Em A1.2, a expressão contraída “né”, enquanto componente da construção composicional do enunciado concreto do sujeito-ministro, explicita-nos, primeiramente, a tentativa de perpetração de uma estratégia conversacional, pela qual se institui um sujeito no convencimento de seu interlocutor, que se identifica, no caso, com, em primeiro, o sujeito-entrevistador e com, em segundo, quaisquer possíveis interlocutores aos quais a entrevista se dirija. Trata-se de um projeto pelo qual se emergem dois pontos: 1) o sujeito-enunciador não possui domínio do conteúdo e tenta confirmar suas ideias durante a interação verbal, visual, vocal com e para o seu interlocutor; e 2) o sujeito-enunciador possui domínio do conteúdo, mas sabe que seu entendimento é questionável, esforçando-se, então, em convencer seu interlocutor de que seu ponto de vista é o mais adequado. De uma forma ou de outra, de um ponto de vista discursivo, o sujeito-ministro apresentou o seu posicionamento ideológico, no e pelo qual o seu lugar uniocorrente no mundo se constitui – logo, através do qual se formou ou forma-se enquanto sujeito –, em A1.1, defendendo-o em A1.2, motivando-se por uma vontade discursiva por meio da qual projeta o convencimento de seu interlocutor.

Cabe-nos destacar que, seja o posicionamento contrário (o enunciado alheio ou a palavra alheia) objeto discursivo de desconstrução e/ou de difamação, seja de reafirmação e/ou de valorização, o outro não pode ser exilado arquitetonicamente da enunciação, pois o dizer – que já se perpassa por uma memória de ecos de vozes alheias – parte de um sujeito para outro, sendo que, mesmo antes da objetivação exterior do seu enunciado, ambos já se constituem em uma relação alteritária, como nos diz Volóchinov (2017: 204), segundo quem “a palavra é orientada para o interlocutor, ou seja, é orientada para quem é esse interlocutor [...]”, configurando-se, desde o processo interior da vivência ativa e responsiva do sujeito, como

---

<sup>11</sup> Que se marca pela presença de uma indeterminação quanto ao sujeito da enunciação.

um ato bilateral. Ela [a palavra] é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é a ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (Volóchinov 2017: 205).

Em A1.3, o sujeito-ministro alça-se ao clímax argumentativo de seu discurso, no qual se intensifica a reafirmação do posicionamento ideológico-político pelo qual se constitui, baseando-se na estrutura semântica do silogismo – “trata-se da mesma lógica” – no encadeamento das suas interpretações ideológicas dos acontecimentos: a esquerda é ruim; o nazismo e o fascismo são ruins; logo, o nazismo e o fascismo são de esquerda.

Percebemos, assim, a apresentação de uma ideia – que podemos ver a partir de, no mínimo, duas cosmovisões interpretativas –, a formação de uma vontade discursiva pela qual há a busca pelo convencimento do outro sobre a sua validade e, por fim, a defesa da sua constituição lógica pela relação de silogismo entre as premissas e a sua conclusão. Por mais questionável que seja a proposição de que o nazismo seja um movimento de esquerda, trata-se de um enunciado responsivo se inserindo em uma cadeia multidirecional, na qual se torna um elo, logo, na sua responsividade retrospectiva (a enunciados de Hitler e de Orwell, direta ou indiretamente) e prospectiva, como veremos abaixo. Entre si, portanto, trava-se, alteritariamente, um conflito pela posse e pelo uso da palavra, que ora se revela, em uma arquitetônica, como palavra alheia, ora, em outra, como palavra minha.

E1, em sua globalidade, emerge-se como um ato responsivo cujo aparecimento se manifesta como a formação de uma posição contrária ao consenso acadêmico sobre a natureza ideológica do fenômeno totalitário ao qual chamamos de nazismo, que se materializou através dos atos de extermínio e de guerra, configurando-se como a institucionalização do mal. Porém, observando a constituição do seu A1.1, conseguimos perceber que a formação das refrações ideológicas de sentido do signo Nazismo alia-se ao mesmo processo efetivando-se em outros, como, no caso, o do nacionalismo, com a sua avaliação, a sua conceituação e, logo, a sua compreensão, o que se patenteia pela seguinte afirmação: “eu acho que esses regimes totalitários, eles, no fundo, apelaram para uma força muito profunda, que é a força, o sentimento nacional”. Atentamo-nos, portanto, à refração, situando-se cada uso em seu cronotopo, que há entre a compreensão de Adolf Hitler e o entendimento do S1 sobre,

em primeiro, o signo nacionalismo, o que nos permite mapear o processo ideológico de responsividade realizando-se na interação associativa entre signos – no caso, entre nacionalismo e nazismo.

Analisando os três processos discursivos constitutivos do E1, levamo-nos ao reconhecimento de uma das premissas indispensáveis aos estudos do discurso: a impossibilidade da existência de uma neutralidade dos enunciados dos sujeitos históricos. Em E1, parece-nos evidente a manifestação de uma vontade discursiva, que se revela, de modo especial, nos três argumentos aos quais nos voltamos analiticamente. Ora, sentindo a formação de uma vontade discursiva – que se liga à constituição volitivo-emocional do sujeito –, permitimos nos questionar: a quais outros o S1 se dirige em seu ativismo responsivo?

Como afirmáramos, a entrevista realizou-se por meio de um canal no YouTube, cujos posicionamentos ideológicos e políticos categorizam-se como pertencentes ao campo da extrema direita. Trata-se de uma informação à qual nos remetemos, novamente, de modo deliberado, haja vista que se torna importante para que pensemos a composição do acontecimento enunciativo, porquanto, estendendo-se a partir da admissão do entrevistador como o seu outro imediato, a vontade discursiva do S1, desde o seu âmago, constitui-se somente em consideração sociológica do seu outro constitutivo e regulador, mas indeterminado e pressuposto: o seu telespectador, sobre quem deseja ensejar o convencimento. Caso contrário, compreendemos que não haveria a necessidade de divulgação da entrevista, pois a busca pelo convencimento e pela contradição de certo argumento revela-nos a inelutável ausência de neutralidade de determinado enunciado, o que vai, no caso analisado, ao encontro dos fins ideológicos do canal no qual se reflete e refrata-se um posicionamento político em constituição.

Conseqüentemente, como qualquer enunciado, o E1 lança-se à retomada e à orientação, dialogicamente, como, por exemplo, aos enunciados de Adolf Hitler sobre a sua compreensão das ideias de nacionalismo e socialismo, mas de maneira avessa e indireta. Conseqüentemente, o E1, inserindo-se no movimento das cadeias multidirecionais de enunciados, deu-se à prospecção, sendo retomado por outros enunciados, cujas materialidades ideológicas configuram-se como respostas. No caso, referimo-nos ao E2, que se compõe, por sua vez, a partir de outros responsivos ao E1, aos quais chamamos R2.1 (resposta, em E2, do sujeito-historiador – SH1 – ao E1),

R2.2 (resposta, em E2, da sujeito-historiadora – SH2 – ao E1) e R2.3 (resposta, em E2, do sujeito-pesquisador – SP – ao E1).

Por ser uma pessoa que se figura como pública – lembremo-nos de que se trata de um sujeito ocupante do cargo de Ministro das Relações Exteriores –, a repercussão da sua entrevista foi, inevitavelmente, extensa e impactante. Para o cumprimento de nossas finalidades analíticas, recortamos apenas três atos responsivos ao E1, que compõem o E2, para expressarmos como as enunciações retomam anteriores e suscitam novos atos enunciativos. E, no caso que analisamos, compreendemos os ecos do E1 do S1 nos limites nacionais e internacionais das esferas geopolíticas.

Analisemos, primeiramente, o enunciado R2.1. Trata-se de uma resposta de um sujeito-historiador (SH1), cujo posicionamento coloca-se contrário à possibilidade científica pela qual se poderia conceber e categorizar o nazismo enquanto movimento ideológico e partidário de esquerda. Destacamos o argumento, em E2, número um (A2.1) do R2.1, apresentada abaixo, segundo o qual

“ao contrário, [os nazistas] propagavam valores da extrema direita, um extremo nacionalismo, um extremo antissemitismo e um extremo racismo. Nenhum especialista sério considera hoje o nazismo de alguma forma um fenômeno de esquerda. Por isso, da **perspectiva acadêmica histórica**, essa declaração é uma asneira” (Deutsche Welle 2019, grifamos).

Observamos, de modo claro, que, para o SH1 – o historiador Wulf Kansteiner –, o projeto ideológico do nazismo, a partir do qual se formou o homônimo regime totalitário, não poderia, cientificamente, vincular-se às ideias constitutivas do espectro ideológico da esquerda, mas, sim, às do da extrema direita, pois o social ao qual se referia Hitler restringia-se apenas aos descendentes da raça ariana. Diretamente, há a ocorrência, entre o SH1 e o S1 (sujeito-ministro), de uma disputa dialógica e intensa pela posse da autoridade para a construção valorativa dos sentidos do signo, o que se trata, compreendemos, de um conflito pela autonomia para o exercício de representações sobre o acontecimento do totalitário regime nazista e sobre o fenômeno do nazismo em sua constituição ideológica, haja vista que, como nos aponta Volóchinov (2017: 101), a palavra, enquanto signo ideológico, torna-se o índice mais sensível das refrações de sentido da existência em formação.

Em consonância a R2.1, a historiadora Stefanie Schüler-Springorum (SH2), diretora do Centro para Pesquisa sobre Antissemitismo da Universidade Técnica de Berlim, respondendo (R2.2) ao E1, mostra-nos que “**na política e ciência**, porém,

está mais do que consolidado que o nazismo é um movimento de extrema direita, porque rejeita a democracia e os direitos humanos, além de dividir pessoas em grupos e hierarquizá-las!” [A2.2] (Deutsche Welle 2019, grifamos). A SH2 ainda declara ao Deutsche Welle, que se trata de um dos principais meios de comunicação e de mídia da Alemanha, que a busca constante de colocação do nazismo no interior ideológico e político da esquerda refere-se a uma estratégia clássica da extrema direita [A2.3], que, após a Segunda Guerra Mundial, buscou se distanciar do nazismo, almejando sempre proteger, no entanto, o “verdadeiro nacionalismo”, ao qual se refere, inclusive, o S1. Percebemos, então, que a estratégia utilizada pelo S1 faz parte de uma reiterada tática ideológica e política, cuja historicidade ultrapassa o âmbito da individualidade e do presente do enunciador, o que se encontra, por exemplo, marcado em “[...] coisa que eu falo muito [...]” (E1 do S1). Logo, o posicionamento estratégico ao qual se refere a SH2 não se restringe apenas ao lugar uniorrente do S1 – do qual se torna, entretanto, dependente para perpetuar-se de maneira renovada –, o que o coloca, justamente, em um plano maior da espacialidade e da temporalidade dos fenômenos ideológicos pelos quais se define a direita política.

O sujeito-pesquisador (SP) é subcoordenador de um projeto de pesquisa da UNESCO, que se dirige ao ensino e promove-se pelo Instituto Alemão Georg Eckert, cujos objetivos voltam-se à compreensão histórica e à consciência social sobre o acontecimento do Holocausto. Segundo a sua resposta (R2.3),

“se [sujeito-ministro] tivesse lido precisamente os **teóricos do totalitarismo** e fosse fiel a suas **teses**, ele deveria condenar tanto a direita quanto a esquerda, **pois** o totalitarismo implica que regimes autoritários de direita e de esquerda são igualmente ruins” [A2.4] (Deutsche Welle 2019, grifamos).

O SP ressalta, indiretamente, a questão do silogismo no enunciado do S1 – referência ao A1.3 do E1 do sujeito-ministro –, explicitando-nos que não se trata de uma análise lógica, mas de uma estratégia retórica pela qual se busca o convencimento do outro sobre o seu ponto de vista. Entendamos que, da posição do SP, a palavra minha do S1 é, de fato, uma dentre as várias palavras alheias, que se compreendem no interior do discurso da direita política. Essa mudança de representação promove, também, uma refração ideológica nos sentidos, pois o SP não vê o S1 dizendo algo único, singular, bom ou ruim, mas como um repetidor de ideia e de palavras que já foram ditas.

Com relação aos sujeitos dos três últimos enunciados (SH1, SH2 e SP), podemos considerá-los sob uma classificação geral, cuja conceituação dá-se a partir das posições discursivas e ideológicas por meio das quais os seus lugares uniocorrentes no mundo se constituem: a posição científica (PC) – que se forma no interior de suas respectivas esferas ideológicas –, uma vez que se enunciam, enquanto sujeitos em constituição, de uma perspectiva acadêmica, histórica, científica e política, delimitando-se, assim, em suas áreas de domínio. No caso do argumento do SP (A2.4), o autor se ancora na sua compreensão da ocorrência de fenômenos históricos. Na sua linguagem, também, reflete-se a constituição do campo científico no interior do qual se encontra – “teóricos do totalitarismo”, “teses”, “pois”, que se tratam de marcações que se instauram, na verdade, como características estáveis da construção composicional dos enunciados típicos de cada campo, a partir dos quais, aliás, o E2 se constrói enquanto um ato responsivo da academia (ou PC) ao E1 do S1. Desse modo, assim como destacamos em nossos apontamentos teóricos, os enunciados de um campo da atividade humana tornam-se responsivos a outros de campos diferentes, a partir, claro, de suas características genéricas<sup>12</sup>.

Cada campo da atividade humana se constitui na historicidade de cada instante da espacialidade social, da qual a posição científica torna-se parte constitutiva e reguladora, cuja materialidade ideológica (verdades e mentiras) só se patenteiam como existentes, em devir, nos e pelos sujeitos no mundo histórico, que a concretizam, por sua vez, cada qual em sua constituição única, uniocorrente, responsável e responsiva, através dos seus enunciados concretos, nos quais se corporificam os seus discursos em seu conflito e em sua contradição. Observemos, no entanto, como que, a partir de cada campo distinto, acontecimentos representam-se de maneira refratada e variada, visto que o processo de construção ideológica do sentido é cronotópica, ou seja, situa-se em certa configuração refratante do espaço social e do tempo histórico. A refração se torna explícita nos enunciados dos sujeitos (S1 e S2), ao produzirem, enunciando-se a si mesmos, um sentido ideológico – que se torna valorado – sobre o nazismo e o nacionalismo. Novamente, não só o signo Nazismo forma-se a partir do processo de refração de sentido. O mesmo efetiva-se em relação ao signo Nacionalismo e, de modo indireto, ao signo Socialismo, o que se faz, necessariamente, através de um campo da atividade humana em sua correlação com a sua respectiva esfera ideológica.

---

<sup>12</sup> Que se referem aos gêneros do discurso (Bakhtin 2016).

Importa-nos destacar que as representações recíprocas de cada um sobre outro e de cada um sobre si não se coincidem pelo princípio lógico de igualdade (isto é,  $A=A$ ). Ao contrário, sempre haverá a produção da refração de sentido, o que se efetiva pelos posicionamentos ideológicos através dos quais os seus lugares unioerrentes se constituem, já que cada sujeito, apesar de suas similitudes e aproximações com os demais da sua classe e do seu grupo, manifesta-se como único, unicidade pela qual se responsabiliza de maneira ética e existencial. Portanto, o que se manifesta, em uma, como palavra alheia, dá-se, em outra, como palavra minha, realizando-se e se respondendo, assim, no circuito da alteridade, em um profundo conflito dialógico de raízes ideológicas.

As enunciações acima constituem-se enquanto situadas no limiar entre a polêmica aberta e a polêmica velada, já que percebemos a constituição de atos responsivos direcionados, diretamente, ao discurso do S1, mas, também, a sua oscilação para o interior do objeto discursivo em questão: o acontecimento histórico e o fenômeno ideológico do nazismo. Portanto, em e para R2.1, R2.2 e R2.3, pelos quais se compõe o E2, o E1 revela-se como objeto discursivo, relação na qual as respostas do E2 o tematizam ao ponto de se tornarem, nas palavras de Volóchinov (2017: 249), “[...] discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado”. Entretanto, especificamente, R2.1 e R2.2 voltam-se ao conteúdo semântico-objetual (Bakhtin 2016: 36) Nazismo, no interior do qual entram em conflito dialógico com a voz do S1 por meio de uma polêmica velada, que se transfere, em certos instantes, para a instância de uma polêmica aberta. Trata-se de um movimento pelo qual os enunciados (R2.1, R2.2 e R2.3) oscilam de uma polêmica velada para uma aberta e vice-versa, o que se cria não somente com base na valoração feita pelos seus sujeitos (SH1, SH2 e SP), mas, concomitantemente, pelo reflexo e pela refração a partir dos campos de atividades nos quais se constituem, visto que cada um destaca um ponto de interesse específico. Ou seja, notamos, a partir de uma visão dialética e dialógica, que o discurso de S1 é retomado, inevitavelmente, não na sua materialidade em si, mas, sim, a partir de traços ou recortes específicos, que se criaram ou foram criados a partir da relação com o interlocutor e o campo de atividade no qual se situa.

Queremos, agora, expor o E3, destacando aspectos de sua constituição. Rememoremo-nos de que se trata de um enunciado produzido pelo sujeito-presidente-do-Brasil, ao qual nos referimos como S3. Evidenciamos a especificidade do país presidido pelo aludido sujeito, pois, entendemos, a construção de sentido se



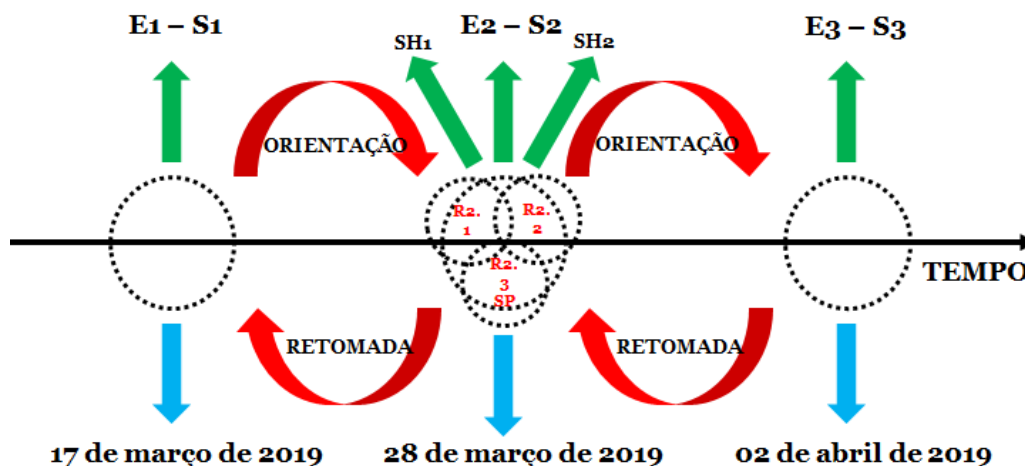
diferiria caso se tratasse, por exemplo, do sujeito-presidente-do-Cazaquistão. O S3, durante a sua visita ao Memorial do Holocausto, em Israel, enunciou, em uma entrevista no dia 2 de abril de 2019, as seguintes palavras:

Jornalista: O senhor [presidente do Brasil] concorda com o seu chanceler [referência ao S1] de que o nazismo foi um movimento de esquerda?

S3: Não há dúvida, né? Partido Socialista... como é que é? (pausa) Partido Nacional-Socialista da Alemanha (Jornal Nacional 2019, 1m31s-1m42s).

Ainda, percebemos a efetivação de um embate ideológico por meio da constituição da manifestação responsiva sob a forma de polêmica velada, dando-se em concordância discursiva com a enunciação do S1. Há, aí, a constituição da bivocalidade discursiva no cerne do enunciado, o que se reflete para o interior do objeto discursivo Nazismo. E, como nos aponta Bakhtin (2013: 224-225), “a ideia do outro não entra ‘pessoalmente’ no discurso, apenas se reflete neste, determinando-lhe o tom e a significação”. A refração do e no signo Nazismo, aqui, refere-se, também, ao movimento axiológico e semântico pelo qual o S3 fá-lo passar, em seu enunciado, lançando-se à retrospectção ao se apropriar do discurso alheio e da palavra alheia do S1, situando-os no interior de sua enunciação, isto é, de seu contexto autoral.

O esquema abaixo, detalhadamente, permite-nos materializar quando ocorreram as enunciações, dando-nos a possibilidade de realização do seu mapeamento cronológico e a do seu movimento responsivo.



**Figura 1:** Cronologia e responsividade dos enunciados<sup>13</sup>.

**Fonte:** dos autores.

Enfim, observando o nosso corpus, acabamos nos debruçando sobre certos atos enunciativos, cujas produções, dialogicamente, estabelecem relações constitutivas e reguladoras entre si, na formação, assim, de um espaço interativo, entre outros, na cadeia multidirecional de enunciados.

De mesmo modo, analisamos a relação entre a palavra alheia e a palavra minha, cuja complexidade torna-se mais acessível ao conseguirmos pensá-las em seus movimentos de refração no circuito da alteridade, pois, como vimos acima, a palavra minha, imbuindo-se de uma marca autoral do sujeito do discurso, pode ser compreendida como palavra alheia do ponto de vista do outro, o que nos permite conceituar e registrar as marcas ideológicas das (extra)localizações dos sujeitos únicos nos acontecimentos de interação discursiva, pelas quais os seus lugares uniorrentes constituem-se e se regulam, como o vimos no caso do S1 para o SH2, para quem o primeiro se revela apenas como um reprodutor de discursos alheios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas nossas análises, chegamos à elaboração de certos apontamentos conclusivos. Entre os vários, o primeiro refere-se à eficácia dos nossos princípios metodológicos (alcunha científica e correlacionamento), aos quais buscamos nos atentar durante o nosso processo analítico. Inclusive, o correlacionamento ou o

<sup>13</sup> Aos nossos leitores, recomendamos o retorno à seção de metodologia, caso haja-lhes eventuais dúvidas sobre as siglas das quais nos utilizamos aqui.

cotejamento mostrou-nos que se acaba formando uma rede maior de conexões enunciativas, pois o processo de responsividade discursiva, em seus entrecruzamentos ideológicos de aceitação, de concordância, de contradição e de oposição – enfim, de assonância e de dissonância –, situa-se em uma certa configuração cronotópica em sua historicidade, delimitando-se por determinadas zonas limítrofes de ocorrência, de maneira dialética, no espaço social e no tempo histórico das organizações geopolíticas das sociedades. Trata-se de uma perspectiva pela qual vimos que os sujeitos (S1, S2 e S3) não retomam um enunciado qualquer, porquanto cada um se localiza em uma posição ideológica no mundo e em um campo específico de atividade humana através dos quais se constitui um repertório demarcado e pelos quais a sua unicidade se forma de maneira ativa.

A análise deixou-nos evidente que as relações enunciativas, por meio das quais se formam as cadeias multidirecionais de enunciados – com prospecções e retrospectões, isto é, retomadas e orientações entre o enunciado alheio ou a palavra alheia e o enunciado meu ou a palavra minha – dão-se nas interações sociais entre os sujeitos, nas e pelas quais se instituem as relações de poder sob as condições ideológicas e materiais de sua organização social na história, assimétrica e hierárquica, ocorrendo, logo, disputas e embates entre campos distintos de atividades (no caso, científico e político) e posições ideológicas pela hegemonia (Macciochi 1980) dos sentidos no interior do signo ideológico Nazismo, que se forma, por sua vez, de modo refratado graças às ênfases valorativas (Volóchinov 2017: 111) no seu interior.

Em especial, notamos, concomitantemente, a ocorrência de dois processos responsivos no caso de S3. O primeiro refere-se à negação, por parte do S3, das enunciações pelas quais se forma o E2 (R2.1, R2.2 e R2.3), associando-se ao silenciamento (por desconhecimento ou não) do posicionamento de Adolf Hitler sobre a sua compreensão dos conceitos de nacionalismo e de socialismo, seja em sua entrevista a Viereck, seja em sua obra *Mein Kampf* (1925).

O segundo refere-se à retomada, pela aceitação, pela concordância e pela validação, do E1, cuja autoria atribui-se ao sujeito-ministro. O S3, usando-se da denominação do partido (Nacional Socialista), não se atentando às refrações pelas quais os signos passaram e passam, leva-se à conclusão reducionista e simplista de que o nazismo se tratou de um regime totalitário de esquerda, um mecanismo discursivo semelhante ao utilizado pelo S1, estratégia cuja historicidade remete-se ao

comportamento da direita a partir do final da Segunda Guerra Mundial. O aspecto argumentativo em E3 se destaca, visto que a caracterização do nazismo, que foi o movimento ideológico e totalitário responsável pela geração de um exorbitante contingente de mortos, em termos de guerra e de massacre, como pertencente ao espectro da esquerda trata-se de uma estratégia impactante para a deslegitimação da oposição política e partidária enfrentada pelo S3 no início do seu governo.

Percebemos, portanto, que, em relação às suas refrações ideológicas de sentido, um signo, como a palavra Nazismo – assim como outras de suas derivações, como Nazista –, forma-se através de um processo histórico que se dá por meio do dinamismo dialógico que se estabelece no seu interior, espaço de conflito e de tensão de natureza valorativa, cujo fundamento ancora-se nos seus inúmeros usos por sujeitos únicos e uniocorrentes pertencentes a classes e a grupos de relativa estabilidade. Logo, há, no interior de uma palavra, por mais que se trate da mesma materialidade sígnica, considerando o âmbito de construção dos seus sentidos concretos e irrepetíveis no espaço e no tempo, a formação constitutiva e reguladora de coros atonais e tonais – assimétricos, no entanto – de vozes axiológicas, em cuja manifestação enunciativa reflete-se e se refrata as suas cosmovisões ideológicas em uma via de determinação dialética.

Além do mais, trata-se de um processo que nos evidencia uma outra questão: todos os atos responsivos, nos casos analisados, passam pelo processo de utilização de uma palavra alheia, seja silenciada, seja explicitada, para a constituição de um enunciado concreto do sujeito, isto é, de uma palavra minha única e irrepetível, pois se configura como um enunciado que retoma e suscita outros.

Contudo, a disparidade de definição conceitual do nazismo nos parece, no mínimo, preocupante em termos científicos e sociais, porquanto se modifica as relações de poder que constituem os campos de atividade humana, como, por exemplo, o científico, que, após o iluminismo, constitui e fundamenta a sociedade contemporânea. Se, em termos gerais, podemos dizer que a ciência se constitui com base em experimentações e análises de caráter apodítico ou hipotético, com determinadas finalidades, fundamentando-se sobre certo arcabouço epistemológico – o qual modifica e constitui, também –, sobre as orientações de determinados procedimentos metodológicos pelos quais se revelam os caminhos por meio dos quais se chegou aos resultados apresentados, faz-se necessário investigar quais as condições sociais, políticas, psicológicas, culturais, econômicas, religiosas e históricas

levam os sujeitos, como S1 e S3, a ignorarem as atividades e os procedimentos da ciência, propondo, em certo sentido, outras formas ideológicas de compreensão e de constituição da sociedade. Trata-se, em suma, de um sujeito que ou possui outras concepções do que seja a ciência ou nega os processos que constituíram a atividade científica dos seus primórdios aos seus dias atuais.

De qualquer forma, parece-nos haver um conflito entre realidades que, como analisamos acima, parecem se encontrar em um nível próximo de equipolência, pois chocam-se constantemente, apresentando, cada qual, um grande número de adeptos. Do ponto de vista do CBMV, a partir do qual nos constituímos, o signo instaura-se e se desenvolve, necessariamente, entre sujeitos vivendo em sociedade, que se marcam como históricos. Logo, podemos dizer que o embate pela hegemonia do controle e da posse da conceituação do signo nazismo não se dá somente entre um sujeito e um outro, mas, precisamente, entre classes e subclasses, grupos e subgrupos, o que nos quer dizer que, se um sujeito, teoricamente, permite-se propor uma ideia, a sua construção pode ser considerada, diante dos outros da sua sociedade, como descabida, desvairada ou falsa. Porém, se se trata de uma proposta perpetrada por uma classe e/ou por um grupo, a representação ideológica se modifica, fazendo-a poder se constituir como válida de maneira apodítica, instituindo-se como uma verdade no horizonte social da ideologia da referida classe e/ou do apresentado grupo pelos quais se forma, tornando-se aceita de maneira hegemônica, pelo consentimento ou pela coerção (Macciochi 1980), ao legitimar-se pelos enunciados das esferas ideológicas e pelas ações das configurações estatais da sociedade na qual se funda.

Necessitamos de nos questionar, portanto, sobre até que ponto as realidades antagônicas, pelas quais se constituem os grupos distintos na medida que as concebe pelas suas cosmovisões, não colocam em xeque ou em suspensão as relações que se dão entre sujeitos organizados socialmente, pois, como vimos por meio das nossas análises, utiliza-se o nazista como argumento para a construção de determinada representação ideológica do lugar do outro, como, por exemplo, em associação ao do bárbaro cuja voz deve ser silenciada e cujo discurso deve ser aniquilado pela historicidade do seu passado atroz. Notamos, pelo nosso corpus, que, para o S1 e o S3, o lugar do bárbaro representa-se pelo espectro ideológico e político da esquerda, buscando promover a sua eliminação, seja em um debate político, seja em um científico. Tal representação, mesmo que seja de algo a ser aniquilado, poderia acontecer, também, com relação ao campo partidário da direita, o que nos mostra que

o movimento discursivo apresenta-se como um reflexo refratado do desejo de aniquilação não somente de um outro, mas, sobretudo, de um grupo, o que se torna prejudicial, segundo o nosso olhar, para a formação de uma sociedade de efetiva prática democrática.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda. Ernesto Araújo volta a defender que nazismo foi um ‘fenômeno de esquerda’. *O Globo*, 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/ernesto-araujo-volta-defender-que-nazismo-foi-um-fenomeno-de-esquerda-23562729>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: \_\_\_\_\_. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: 34, 2017, p. 21-56.

\_\_\_\_\_. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro/RJ: Forense, 2013.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo bezerra. São Paulo/SP: Editora 34, 2016.

\_\_\_\_\_. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo/SP: 34, 2018.

\_\_\_\_\_. (VOLÓCHINOV, Valentin.) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo/SP: Hucitec, 2006.

BRASIL PARALELO. (ENTREVISTA) *Min Ernesto Araújo denuncia o GLOBALISMO e defende o resgate do NACIONALISMO*. YouTube. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2Y1Nn6ZopMQ&t=1164s>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

GERALDI, João Wanderley. *Da língua para a linguagem: outros rumos de pesquisa*. Recife, 2014. (Mimeo.)

\_\_\_\_\_. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2012. p. 19-39.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). *Palavras e contrapalavras. Glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin*. 2. ed. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2013.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1995.

MACCIOCHI, Maria Antonietta. *A favor de Gramsci*. Tradução de Angelina Peralva. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1980.

NEHER, Clarissa. “Nazismo de esquerda”: o absurdo virou discurso oficial em Brasília. *Deutsche Welle*, 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/nazismo-de-esquerda-o-absurdo-virou-discurso-oficial-em-bras%C3%ADlia/a-48060399>>. Acesso em: 28 mar 2019.

ORWELL, George. *O que é fascismo? e outros ensaios*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2017.

RANULFO, André. Entrevista completa de Adolf Hitler para o Jornal The Guardian. *Medium*. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@andrranulfo/entrevista-de-adolf-hitlel-para-o-jornal-the-guardian-1923-f8a255e0151>>. Acesso em: 26 maio 2019.

SOBRAL, Adail. A estética em Bakhtin (literatura, poética e estética). In: DE PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa. (Orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Série Bakhtin: Inclassificável, v. 1. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2010, p. 53-88.

TV GLOBO. No Memorial do Holocausto, Bolsonaro diz que nazismo era de esquerda. *Jornal Nacional*. 2019. 3m17s.

VILLARTA-NEDER, Marco Antonio; TEIXEIRA, Gislaine Aparecida; CASTRO DIAS, Fábio Luiz. *Leituras responsivas: uma proposta de compreensão do enunciado e do tema a partir do Círculo de Bakhtin*. 2019. No prelo.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: 34, 2019.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo/SP: 34, 2017.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2019.

Aprovado no dia 04 de março de 2020.